

# 01

## **Gênero, Sexualidade e Educação: um estado do conhecimento**

Gender, Sexuality and Education:  
a state of knowledge

**Janivaldo Cordeiro**

*Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)*

*Doutor em Educação e Contemporaneidade (UNEB)*

*E-mail: [janivaldocordeiro@gmail.com](mailto:janivaldocordeiro@gmail.com)*





## Resumo

O presente Estado do Conhecimento surgiu para embasar a tese de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, desenvolvida entre os anos de 2019 a 2022. De natureza qualitativa, teve como objetivo inventariar as pesquisas de mestrado e doutorado no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no período de 2010 a 2019, situadas na Grande Área de Ciências Humanas e na área de Educação, com interesse particular nos trabalhos que contemplavam as identidades de docentes LGBTQIA+. Os dados analisados mostram um decréscimo no desenvolvimento dessas pesquisas a partir de 2017 decorrentes nos cortes de investimento em anos anteriores, mas também apontam os recuos devido ao crescimento de onda conservadora.

**Palavras-chave:** Estado do Conhecimento; Estado da Arte; Revisão de Literatura; Gênero e Sexualidade; Identidades LGBTQIA+. Ideologia de Gênero.

## Abstract

This State of Knowledge emerged to support a doctoral thesis linked to the Postgraduate Program in Education and Contemporaneity, developed between the years 2019 and 2022. Qualitative in nature, its objective was to inventory master's and doctoral research on the Coordination portal

for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes) in the period from 2010 to 2019, located in the Greater Area of Human Sciences and in the area of Education, with particular interest in work that addressed the identities of LGBTQIA+ teachers. The data analyzed shows a decrease in the development of this research from 2017 onwards resulting from investment cuts in previous years, but also points to declines due to the growth of the conservative wave.

**Keywords:** State of Knowledge; State of art; Literature review; Gender and Sexuality; LGBTQIA+ identities. Gender Ideology.

## Introdução

Para entender um pouco mais essas temáticas e como estão sendo desenvolvidos os estudos sobre *gênero e sexualidade* no Brasil, recorri ao Banco de Teses e Dissertações do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com o intuito de inventariar as pesquisas de mestrado e doutorado ocorridas no período compreendido entre 2010 e 2019<sup>1</sup>. A finalidade foi encontrar interlocuções com as subjetividades de

---

1 Esse Estado do Conhecimento foi realizado durante realização de pesquisa de doutoramento. O principal objetivo foi o de inventariar as teses e dissertações do decênio 2010-2019 a fim de, através desse estudo, (re) pensar a questão norteadora, os objetivos e a tese que se iniciaria.

*professores/as transviados/as*<sup>2</sup>, além de compreender como a temática vem sendo tratada nos estudos em Educação junto a esses descritores, buscando aproximações com as representações desses/as docentes nas escolas, práticas, negociações, enredamentos e percepção de suas imagens e narrativas. Interessou, precisamente, aquelas pesquisas que, dentro do tema, discutem a identidade de professores LGBT+ e suas relações com a profissão, as imagens e narrativas produzidas com a presença desses corpos no cotidiano escolar, particularmente dos/as professores/as lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, por considerar que essas identificações estão mais expostas no cotidiano escolar.

O interesse em mapear e examinar essas pesquisas situou-nos em relação às conquistas, aos retrocessos, discussões e resultados já analisados por outros/as pesquisadores/as, bem como estimula a reflexão em busca do que se pode acrescentar a possíveis lacunas nos estudos realizados. Romanowski e Ens (2006, p. 40) classificam esse estudo como *Estado do Conhecimento*, pois “aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado”, que, como dito, limitou-se às análises das teses e dissertações encontradas na plataforma da Capes, refletindo com base em seus resumos, os objetivos, as metodologias e os resultados.

---

2 Utilizo a palavra transviados/as como tradução do termo inglês *queer* com base na obra *Transviad@s* de Berenice Bento (2017).

Soares e Maciel (2000) apontam duas razões para fazer o estado do conhecimento: “são fundamentais no movimento ininterrupto da ciência” e precisam ter “caráter permanente”, uma vez que as pesquisas estão sempre em processo de construção,

[...] da mesma forma que a ciência se vai construindo ao longo do tempo, privilegiando ora um aspecto ora outro, ora uma metodologia ora outra, ora um referencial teórico ora outro, também a análise, em pesquisas de estado do conhecimento produzidas ao longo do tempo, deve ir sendo paralelamente construída, identificando e explicitando os caminhos da ciência, para que se revele o processo de construção do conhecimento sobre determinado tema, para que se possa tentar a integração de resultados e, também, identificar duplicações, contradições e, sobretudo, lacunas (Soares; Maciel, 2000, p.0 6).

Pereira (2013) aponta que o *estado do conhecimento* e o *estado da arte* têm sido tratados como sinônimos por diversos autores. No entanto, para ele, a diferenciação está nos fins que cada um tem: enquanto o estado da arte “consiste na própria totalidade da pesquisa, com fim em si mesma”, o estado do conhecimento “se organiza como parte do processo de investigação empreendido por um pesquisador” e reafirma que “o ‘estado do conhecimento’ é uma pesquisa a serviço da pesquisa proposta, uma ferramenta, uma

etapa dentro de um processo de investigação mais amplo” (PEREIRA, 2013, p. 223, grifos do autor).

Inventariar pesquisas sobre gênero e sexualidade contribuem para compreender o processo de significações, inferir sobre caminhos futuros, criar perspectivas de pesquisas, pois a discussão de temáticas como gênero, identidade de gênero, igualdade e papéis de gênero, tornaram-se, potencialmente, terrenos movediços e perigosos, visto que provocam sentidos, disputas e desestabilizam normas. Para Romanowski e Ens (2006, p. 39), “a realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”. Dessa forma, a produção desse tipo de pesquisa favorece conhecer as fissuras existentes, apontar possíveis caminhos, bem como inferir a respeito das políticas públicas e investimentos da determinada área investigada.

## 2. Gênero, Sexualidade e Educação

Recentemente, os ataques às pesquisas sobre essas temáticas, alcunhadas por “ideologia de gênero”, possivelmente associados ao conservadorismo da população, à resistência e à aversão *ao proibido* e *ao abjeto*, recuaram investimentos e assombraram pesquisadores/as, acendendo o alerta geral

a pais, mães e professores/as, que se dividiram acerca da abordagem desses conteúdos desde o Ensino Fundamental.

Os/As investigadores/as e acadêmicos/as associados à “ideologia de gênero” têm sido amplamente atacados como promotores de trabalhos ideológicos sem qualquer base científica. A disseminação desta suspeita tem afetado negativamente os Estudos de Gênero, principalmente através de tentativas de minar o campo por meio do desinvestimento. Nesse sentido, centros de estudo e acadêmicos/as a trabalhar na área têm enfrentado uma necessidade crescente de legitimar o seu campo de investigação num contexto de gestão neoliberal das ciências sociais (Garraio e Toldy, 2020, p. 143).

O nível de desinformação propagada, reiterada com forte teor apelativo de que as escolas estariam ensinando aos jovens e crianças a se tornarem pervertidos/as, avançou frases de efeito envolvendo desde a *inocência* de crianças a permissões de que *se pode ser* LGBTQ+, desde que suas *vergonhas* não fossem públicas. Um dos efeitos foi o veto da presidenta Dilma na implementação e na distribuição dos materiais de apoio previstos pelo programa *Brasil sem Homofobia* nas escolas, ocorrido alguns anos atrás, além de oportunistas políticos eleitos para cargos públicos com promessas de salvar a pátria de práticas comunistas, feministas e homossexuais. Os discursos conservadores para refutar

essas temáticas vão no sentido de que estas incentivam as pessoas a se tornarem homossexuais ou de *motivarem e autorizarem* formas diferentes de se constituir como pessoa, as quais podem se contrapor à morfologia dos corpos. Além disso, pela lógica do conservadorismo, a desnaturalização do gênero como essência e a desvinculação ao sexo promove modos de se vestir, portar e outras interferências nos papéis masculinos e femininos não legitimados por estruturas culturais e religiosas, por exemplo.

Diante dessa realidade, procedeu-se à busca no Banco de Teses e Dissertações da Capes, sendo que os dados obtidos motivaram dividir o inventário em quatro partes **1)** analisar as pesquisas elencadas pelos descritores *gênero e sexualidade* apenas com os marcadores de Mestrado e Doutorado, mantendo o recorte temporal anteriormente citado, buscando categorizar os quantitativos por ano e pela área de conhecimento aos quais estão vinculados; **2)** procurar por *gênero e sexualidade* no campo da Educação, buscando categorizar seus quantitativos por ano, estados da federação, tipos (dissertações e teses), agrupando-as de acordo com a investigação feita; **3)** buscar por termos que remetessem a identidades LGBT+ na escola, entre elas, “lésbicas na escola”, “gays na escola”, “travestis na escola” e “transexuais na escola”, a fim de identificar a existência



ou não nessas pesquisas de referências a docentes LGBTQ+, e 4) buscar por descritores que remetessem à ideia de professoras/es transviadas/os no âmbito do campo da Educação: *professores LGBTQ;* *professores transviados;* *professoras transviadas;* *professores gays;* *professoras gays;* *professores homossexuais;* *professoras homossexuais;* *professoras lésbicas;* *professoras transexuais,* *professores transexuais;* *professoras travestis,* usando também as variações no singular. O objetivo, nesse processo, foi encontrar pistas e contribuições para desenvolver este trabalho.

### a. 2.1 Pesquisas em Gênero e Sexualidade

A primeira busca, utilizando apenas os descritores *gênero e sexualidade* - sem qualquer marcação de filtro - totalizou 810 trabalhos; em seguida, dando ênfase às pesquisas de mestrado e doutorado como único refinamento de pesquisa, apontou a existência de 770 trabalhos. A partir disso, ao limitar o período de 2010 a 2019, reduziu-se o quantitativo a 655 trabalhos, sendo 500 dissertações e 155 teses. A Tabela 1 a seguir mostra os dados de forma detalhada ano a ano:

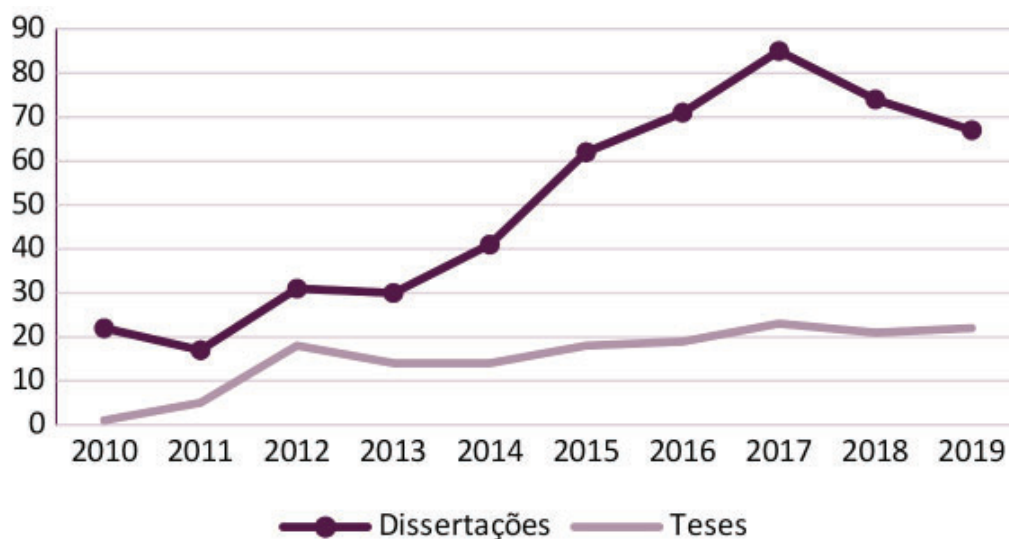
**Tabela 1** - Descritor *gênero e sexualidade* em dissertações e teses no período compreendido entre 2010 e 2019

Ano	Dissertações	Teses	Total
2010	22	1	23
2011	17	5	22
2012	31	18	49
2013	30	14	44
2014	41	14	55
2015	62	18	80
2016	71	19	90
2017	85	23	108
2018	74	21	95
2019	67	22	89
<b>Total</b>	<b>500</b>	<b>155</b>	<b>655</b>

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020.

Os dados mostram que, no primeiro biênio analisado, o número de trabalhos realizados permaneceu praticamente estável, havendo uma considerável mudança no ano de 2012. A partir desse ano, houve uma ligeira queda nas produções no ano de 2013, voltando a crescer no ano seguinte, permanecendo até atingir o seu ápice em 2017, quando esse quantitativo começou a diminuir. Além disso, há uma concentração maior dessas pesquisas no mestrado. Infere-se que o declínio apontado a partir de 2017 seja reflexo do corte de incentivos à pesquisa nos anos anteriores, causando uma tendência de regredir nos anos futuros, visto que a partir de 2015 a área de Educação tem sido profundamente afetada pelos constantes recuos de investimentos. O Gráfico 1 a seguir mostra o desenvolvimento dessas pesquisas no período analisado.

**Gráfico 1-** Descritor *gênero e sexualidade* em dissertações e teses no período compreendido entre 2010 e 2019



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020.

A Tabela 2 apresenta a concentração dessas pesquisas, de acordo com a Grande Área do Conhecimento durante esse período:

**Tabela 2** - Frequências absolutas e relativas das pesquisas com descritor *gênero e sexualidade* por área do conhecimento

Grande Área do Conhecimento	Frequência absoluta	Frequência relativa
Ciências Humanas	438	66,9%
Linguística, Letras e Artes	65	9,9%
Ciências da Saúde	31	4,7%
Multidisciplinar	70	10,7%
Ciências Sociais Aplicadas	51	7,8%
Total	655	100%

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020.

Diante dessa busca pode-se concluir que existiu um interesse considerável no tema *gênero e sexualidade* na área das Ciências Humanas e essas pesquisas tiveram impulso nos programas de mestrado (76,3%) em detrimento ao de doutorado (23,6%). Tais discrepâncias em relação a esses quantitativos estiveram diretamente relacionadas à oferta de vagas oferecidas nessas duas modalidades, podendo considerar também outros motivos, entre eles, a dificuldade de garantir o acesso e a permanência desses estudantes para continuarem suas pesquisas nos cursos de doutorado.

### b. 2.2 Pesquisas em Gênero e Sexualidade na Educação

O recorte temporal restrito ao campo das Ciências Humanas e Educação apontou um total de 200 trabalhos, sendo 152 dissertações e 48 teses. Ao comparar o quantitativo de pesquisas encontradas anteriormente (655), observou-se, nessa busca, que o campo da Educação representa cerca de 30% desses trabalhos (76% em pesquisas de mestrado e 24% em pesquisas de doutorado). A tabela (Tabela 3) seguinte apresenta a disposição dessas pesquisas:

**Tabela 3** - *Gênero e Sexualidade* em Pesquisas de Mestrado e Doutorado em Educação

Ano	Mestrado	Doutorado	Total
2010	6	1	7
2011	9	2	11
2012	12	3	15
2013	9	7	16
2014	10	6	16
2015	18	7	25
2016	21	2	23
2017	24	9	33
2018	21	4	25
2019	22	7	29
Total	152	48	200

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020

Ao analisar esses dados, percebemos que essas pesquisas estão distribuídas por regiões do Brasil da seguinte forma: 3% estão na Região Norte; 13% na Região Nordeste; 12,5% na Região Centro-Oeste; 42% na Região Sudeste e 29,5% na Região Sul. Esses quantitativos estão relacionados diretamente à distribuição desses cursos no país, sendo que as Regiões Sudeste e Sul, respectivamente, concentram os maiores centros de pós-graduações em decorrência de sua densidade demográfica, acesso à educação, desigualdade social e econômica, em detrimento das demais localidades brasileiras.

Após essa etapa, com o propósito de buscar nessas pesquisas aproximações com o objeto de estudo *professores/as transviados/as* ou docentes LGBT, foi feita uma breve

análise dos seus títulos, resumos e palavras-chave, no sentido de identificar, também, quais temáticas estavam sendo estudadas ao longo dessa década, em conjunto com os descritores “gênero e sexualidade” restritos apenas ao campo da Educação. Diante dos dados, ficou perceptível a recorrência de algumas temáticas, sendo que, devido à frequência com que apareceram, foram agrupadas em cinco categorias. Essas pesquisas direcionaram-se para o entendimento e as relações entre gênero e sexualidade: 1) Infância; 2) Formação do Professor; 3) Percepções e Discurso; 4) Currículo; e 5) Identidades e Diferenças. Nas subseções seguintes encontram-se descritos os quantitativos e as análises gerais desses trabalhos.

### i. 2.2.1 Gênero e Sexualidade e Infância

Nesta categoria foi recorrente o uso das expressões *Educação Infantil; Infância; Criança; Meninas/os; Pré-Escola; Ensino Fundamental I; Papéis de gênero na infância; Olhares sobre a infância*, incidindo em 14,9% dos trabalhos. As pesquisas apresentadas abordando o universo infantil, em sua maioria, concluíram discorrendo acerca das dificuldades dos/as professores/as em tratar do tema com esse público. Entre elas, a escassez de materiais, a ausência nos currículos, a falta de preparo pelas universidades e os medos das reações das famílias produzem silenciamentos quando

questionados pelas crianças. Em muitos dos trabalhos há relatos de recriminação e afirmação dos papéis de gênero em brincadeiras infantis e naturalização da heterossexualidade hegemônica.

No levantamento em questão, os estudos revelaram que alguns/mas professores/as não consideram o tema adequado para crianças, reproduzindo discursos morais e religiosos como forma de reprimir comportamentos divergentes da norma. Um dos trabalhos apontou o acionamento do Conselho Tutelar, mães e pais para resolver o *problema* de crianças com comportamentos *incompatíveis* com o par gênero/sexualidade, revelando que intenções e motivações do sistema estão intrincadas nessas microrrelações, em que “[...] a produção de uma pessoa heterossexual é um projeto que deve contar com o apoio absoluto de todas as instituições: a família, a escola e, claro, os representantes do Estado” (Bento, 2017, p. 199). Dessa forma, a escola e seus/suas representantes atuam no sentido de enaltecer e perpetuar as normas hegemônicas. Algumas pesquisas recomendam os estudos de gênero e sexualidade em cursos de formação de professores como possibilidade de minimizar atuações traumáticas nas constituições identitárias e como forma de qualificar seus/suas profissionais.

### ii. 2.2.2 Gênero e Sexualidade e Formação do Professor

As pesquisas com os temas Gênero e Sexualidade entrelaçados a formações recorreram às seguintes expressões: *Formação Docente; Formação do Professor; Formação Continuada; Graduação; Licenciatura; Autoformação*, sendo 15,6% dessas investigações. Esses trabalhos revelaram a lacuna deixada pelos cursos de graduação referente à ausência de abordagem a estudos de gênero e sexualidade e, quando ocorre, é de forma incipiente e superficial, não capacitando suficientemente os/as profissionais.

Em relação aos cursos de Formação Continuada, de acordo com os trabalhos pesquisados, a adesão ainda é pouco significativa e nem sempre o aprendizado é assimilado em suas práticas pedagógicas, cujas resistências são influenciadas por questões morais e religiosas. Os/As autores/as desses trabalhos, em sua maioria, defendem a necessidade de ofertar cursos de formação continuada em fluxo contínuo aos/às profissionais a respeito do tema e reformulações no currículo das universidades, visto que essas questões são continuamente corriqueiras nas escolas. Vale ressaltar que a ofertas dessas disciplinas ainda se apresentam de forma optativa, havendo aderência ao curso por afinidades.



### iii. 2.2.3 Gênero e Sexualidade e percepções da/na comunidade escolar

Os trabalhos vinculando Gênero e Sexualidade às percepções de professores/as, alunos/as e gestores/as trazem em seus títulos as seguintes expressões: *Percepções/olhares de professores*; *Percepções/olhares de alunos*; *O que dizem/pensam professores/gestores(?)*; *Práticas Discursivas*; *Discursos*; *Narrativas*; *(Auto)narrativas*, representando 14,5% dessas pesquisas.

As pesquisas indicam ausência de conhecimento e dificuldades em dialogar acerca dos temas. Em alguns trabalhos ficou evidente a influência de instituições, entre elas, família e religiões, como impeditivos à fluência desses estudos. Além disso, surgiram indícios mostrando resistências em considerar outras formas de sexualidade e performatividades *divergentes* ao trio sexo-gênero-desejo, além daquelas prescritas na heterossexualidade, com comportamentos bem específicos para meninos e meninas.

Os resultados mostram uma tendência de afirmação da heterossexualidade como natural e inferiorização/desumanização de formas divergentes à cis heteronormatividade, bem como, devido à essa tendência, a ocorrência de ações de discriminação, preconceito, homofobia e a dificuldade em lidar com a diversidade. Opondo-se a esse fato, alguns trabalhos trazem o discurso de *tolerância* para as identidades *dissidentes*, igualdade e respeito às diferenças,

e também evidenciam a necessidade de um/a profissional que possa tratar dessas questões. Algumas dessas pesquisas relatam a incipiência nas discussões, além de distorções nos conceitos de gênero e sexualidade, conhecimentos culturais, limitação dos/as professores/as, silenciamento, vigilância e regulação de corpos e comportamentos. Em relação aos/às alunos/as, as percepções sobre sexualidade ainda estão atreladas ao campo da reprodução e ao sexo biológico e, ainda, demonstram constrangimentos em esclarecer as suas dúvidas.

#### iv. 2.2.4 Gênero e Sexualidade e Currículo

As investigações no campo do currículo atrelados à gênero e sexualidade apareceram vinculadas às palavras: *Práticas Curriculares; Material Didático; Fazer Pedagógico; Prática Docente; Documentos; Políticas Públicas; Práticas Escolares; Pedagogias de Gênero*, representando 20,8% dessas pesquisas. Foi possível perceber como essas questões estão inseridas nos currículos e materiais didáticos, bem como nos documentos oficiais e nas políticas públicas com essas abordagens. Conforme as análises realizadas, a heterossexualidade é colocada como norma, não havendo discussões acerca de sexualidades *distintas*. Nos livros didáticos, as relações de gênero são reafirmadas, ilustrando as formas de ser menino ou menina, posicionando homens e mulheres em

circunstâncias naturalizadas da cultura, invisibilizando e silenciando os que não se reconhecem nessa dicotomia.

Em relação às práticas pedagógicas e/ou curriculares, há valorização dos atributos e do binarismo dos papéis de gênero, e a adequação/representação de homens e mulheres a esses papéis. Para Louro (2014, p. 93, grifos da autora), “[...] a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”, em que professores/as, alunos/as produzem e reproduzem (até mesmo naturalmente ou imperceptivelmente) aspectos estruturais do sexismo. Nesse campo de guerra, surgiu o fazer pedagógico de docentes, que procuraram diversos meios para tratar sobre esses conteúdos, como filmes, peças teatrais, jogos, análises e redes sociais.

Antes de prosseguir para o conjunto de trabalhos desse inventário que reúnem aquelas pesquisas que trazem a identidade e a diferença como centro, algumas considerações devem ser feitas. Pode-se observar, entre as pesquisas analisadas, que a representação e a representatividade de sujeitos/as-transviados/as na escola provocam rupturas, movimentam diálogos, (re)posicionam argumentos. Além disso, os atravessamentos a esses corpos na docência ressignificam os papéis dos/as professores/as LGBTQIA+ na escola, cujas ressignificações estariam condicionadas ao

fato de esses/as profissionais poderem ser (a) sensíveis (ou não) à causa; (b) viverem a experiência de corpo-transviado e como essa vivência toca/atravessa/transforma cada um/a; e (c) ter alguma percepção de que identidades sexuais e de gênero *dissidentes*, como marcadores sociais da diferença, constituem em obstáculos importantes na formação dos/as sujeitos/as. Ademais, é sempre necessário ressaltar que nem todo corpo-transviado (quaisquer que sejam os seus marcadores da diferença) acredita que os transvios de suas corporalidades possam colocá-los/las em situações de vulnerabilidades, ou que essas condições possam (re)posicioná-lo em situações de desvantagem social. Os poucos casos em que esses corpos conseguem sobressair ou alcançar algum nível de destaque são citados como exemplos daqueles/as que *venceram na vida*, ou não se vitimizaram perante suas particularidades. Sob o argumento de que *somos todos iguais*, a norma tem pretensões de defender, acreditar e fazer acreditar que os processos da vida são igualmente *alcançáveis* para todas as pessoas, independentemente de suas condições sociais, orientações sexuais, *dissidências* de gênero e outras diversas particularidades. Desse modo, cada um/a carrega em si as marcas desses valores repassados pela norma, defendidos por ela e praticados como regime político.

Assim, no processo de construção de redes para esta pesquisa, por exemplo, algumas discussões de colegas, amigos/as, conhecidos/as, familiares e docentes LGBTQ+, por vezes, não estabeleceram qualquer relação entre violência e sexualidades; violência de gênero com mulheres e pessoas trans; desigualdade salarial entre homens e mulheres - entre outras variáveis - como políticas patriarcais que favorecem o sistema heteronormativo. Em sua maioria, os argumentos apontavam desde a *apatia e o vitimismo*, passando por culpabilidade própria dos/as oprimidos/as, até o famigerado *mimimi* como forma de desacreditar as políticas públicas de valorização das identidades periféricas. Sem muito esforço, muitas dessas pessoas se reconheceram nos discursos LGBTQófobos, misóginos, sexistas, racistas, higienistas (e uma quantidade inenarrável de absurdidades) do então presidencial Bolsonaro, apoiando-o e defendendo esses valores, inclusive membros/as das comunidades LGBTQ+. De modo efetivo, alguns/mas (não sei precisar quantos/as) desses/as indivíduos/as estão em sala de aula ou ao redor dela, personificados/as em alunos/as, professores/as, gestores/as, funcionários/as e comunidade escolar. Nesse âmbito, as questões de gênero e sexualidade relacionados à *infância, formação do/a professor/a, percepções da comunidade escolar e currículo*, que já eram atravessadas por interferências de tabus culturais e religiosos - mas que estavam se (des)construindo ao longo

de governos com ideais progressistas, embora com seus avanços e retrocessos – ganharam olhos vigilantes, vozes fervorosas, ações discriminatórias e punitivas alavancadas pela eleição do *tal salvador* da moral e dos bons costumes. Isso afetou diretamente a forma como as identidades cis heteronormativas devem ser valorizadas, e as *minorias* entendidas como um subproduto da humanidade deveriam *curvar-se à maioria, adequarem-se ou desaparecerem*<sup>3</sup> (palavras de Bolsonaro na campanha em 2018).

Por último, as reflexões que faço é que suas palavras (e tantas outras absurdidades) ecoaram nos diversos meios, inclusive (e prioritariamente) nas escolas, nos/nas seus/suas alunos/as e professores/as, nos currículos, nas percepções da comunidade escolar, nas formações etc., reforçando a produção do/a outro/a em casulos, de adversários/as endemoniados/as que não podem ter visibilidade, chanceladas por aquele que deveria promover a igualdade entre as pessoas e corroboradas por seus adeptos/as.

O inimigo se constitui como uma figura que não pode produzir nenhuma identificação, processo mediante o qual eu posso, em algum nível, reconhecer-me no Outro e, mais importante, desejar ser ele. A ausência completa de identificação é uma porta aberta para todos os tipos de violência (Bento, 2021, p. 97).

---

3 Disponível em: <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/> Acesso em: 29 jun. 2022

Nesse contexto, concebe-se a diferença como inimiga que contamina a normalidade e precisa se curvar à norma, adequar-se em suas formas, jeitos, religiões, cores (*menino veste azul e menina veste rosa*<sup>4</sup>), e invisibilizada em sua diversidade. Ou também sucumbir (*não tem esse negócio de ensinar você nasceu homem, pode ser mulher*<sup>5</sup>) - reafirmando o desmantelamento das políticas identitárias e perseguições ocorridas já no governo anterior (Temer, 2016 – 2018) como, por exemplo, a retiradas de expressões “identidade de gênero” e “orientação sexual” na reformulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em parágrafos desse documento que se referem, principalmente, a respeito e à empatia. Ainda, inacreditavelmente em 2020, implantando políticas de segregação a alunos/as com deficiência em *escolas especializadas com classes especializadas*<sup>6</sup> dentro das instituições regulares inclusivas de ensino, com o argumento de que eles/

---

4 Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos anuncia o início de uma *nova era*, em uma clara referência aos papéis e marcadores de gênero e invisibilização, negação de existência e desumanização de pessoas trans.

5 Ministro da Educação Milton Ribeiro ao tentar provocar temor na população sobre pautas consideradas inimigas da família e, com isso, ganhar novos/as adeptos/as para Bolsonaro na campanha de reeleição presidencial em 2022. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/03/09/denunciado-por-homofobia-ministro-da-educacao-volta-a-falar-de-genero.htm>. Acesso: 11 mar. 2022.

6 Decreto 10502/2020. O decreto foi suspenso pelo STF cerca de dois meses depois de assinado por Bolsonaro e revogado em agosto de 2021 por sua inconstitucionalidade.

elas *atrapalham os/as outros/as*. As políticas desse governo empregam as políticas de diferenciação e de exclusão e atuam diretamente na promoção de ações discriminatórias. É difícil acreditar que as intenções sejam diferentes disso: produzir o inumano, o improdutivo, o irrepresentável dentro dos contextos regularizados de normalidade.

#### v. 2.2.5 Gênero e Sexualidade na Produção de Identidades e Diferenças

As pesquisas sobre Gênero e Sexualidade sobre identidades e diferenças somaram o percentual de 34,2%. Suas discussões envolveram temas como *Identidade; Diferença; Corpo; Bullying; Masculinidades; Feminilidades; Mulher; Homem; Jovens; Juventude; Interseccionalidade; Feminismo; Representações de Gênero; Heteronormatividade; Papéis de Gênero; Preconceito; Homofobia; Transfobia; e LGBT*. Desse campo irromperam todos as questões concebidas como *problema*, ou melhor, todos aqueles casos vistos como a diferença produzida pela cis heteronormatividade, resultando em preconceitos, discriminações e outras violências aos corpos daqueles/as que não são *adequados/as* ao sistema.

De acordo com os resultados obtidos nessas pesquisas, a formação da identidade desses/as sujeitos/as passa por processos de resiliência, resistência, *bullying* e muitos casos de evasão escolar. Nesse sentido, foi possível observar,



nessas publicações, relatos em que a tentativa de naturalizar padrões de normas hegemônicos, entre eles, religiões, etnias, raças, orientação sexual, ocorreram em detrimento do silenciamento, e por meio da regulação e da vigilância às outras formas diversas. Os marcadores sociais da diferença são apontados, muitas vezes, como os *provocadores* das desigualdades, demarcando corporalidades e movimentos, lugares a serem ocupados, vestimentas e comportamentos *aceitáveis* para esses corpos.

Assim, foi neste último campo das identidades e diferenças que encontramos espaço para ampliar as interlocuções com as identidades dos/as professores/as transviados/as, no qual as imagens, narrativas, sexualidades, modos de viver, masculinidades e feminilidades outras, representações de gênero, práticas, teorias e ressignificações desses/as sujeitos/as movimentam e provocam outros sentidos no cotidiano escolar, entre eles as (re)existências e a representatividade. O diálogo com esse mapeamento possibilitou encontrar trabalhos cujas discussões se aproximaram de identidades de professores/as lésbicas, gays, transexuais e travestis, bem como direcionar a outros descritores (Tabelas 4 e 5), que auxiliaram no refinamento das pesquisas analisadas na última etapa deste inventário.

### 3. Identidades LGBTQ+ na Escola

Para a investigação feita nesta etapa foram mantidos os mesmos filtros utilizados nas buscas anteriores, bem como o recorte temporal e a restrição aos campos de Ciências Humanas e Educação.

**Tabela 4:** Identidades LGBTQ na escola

Descritores	Mestrado	Doutorado	Total
<i>LGBT na escola</i>	1	Nenhum trabalho	1
<i>Transviados/as na escola</i>	Nenhum trabalho	Nenhum trabalho	0
<i>Lésbica na escola; lésbicas na escola</i>	Nenhum trabalho <sup>7</sup>	Nenhum trabalho	0
<i>Gay na escola; gays na escola; homossexual na escola; homossexuais na escola</i>	1	Nenhum trabalho	1
<i>Transexual na escola; transexuais na escola; travesti na escola; travestis na escola; pessoas trans na escola</i>	3	1	4
TOTAL	5	1	6

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020.

Nesse levantamento, as pesquisas direcionam-se a temas sobre homofobia, políticas públicas para a comunidade LGBTQ+, percepções de professores/as sobre essas identidades na escola e, ainda, sobre as dificuldades enfrentadas pelos corpos de pessoas trans para permanecer ou ter visibilidade

<sup>7</sup> Considerando a busca em programas de Educação.

nas instituições escolares. No entanto, no campo da educação, nenhuma delas fez a discussão, com exclusividade, em relação a professores/as.

Na pesquisa doutoral *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*, Luma Nogueira de Andrade (2012), investigou os processos de assujeitamentos e resistências de jovens travestis em escolas públicas do estado do Ceará. Os estudos revelam as constantes tentativas de minar as existências dessas corporalidades quando ocupam os centros e não as margens das estruturas. Apesar de ter como centralidade as jovens estudantes, a autora partilha com os/as leitores/as a sua história de vida na constituição de sua identidade travesti e, ainda, os obstáculos colocados ao longo de sua vida acadêmica/profissional para a sua formação de professora e o reconhecimento de sua existencialidade, sendo constantemente vigiada e *punida* pela norma cis heterossexista, como, por exemplo, as dificuldades encontradas para o trabalho, por vivenciar experiências transfóbicas nos ambientes profissionais, entre elas, o desrespeito à sua identidade feminina e dificuldades em tomar posse em concursos. Pela violência sofrida por pessoas trans, fica evidente que o sistema atua de forma que corpos não *adequados* a ele sejam expurgados não só dos seus meios, mas também das suas margens.

Andrade (2012) classificou seu trabalho doutoral como uma cartografia, *quali-quant*i e utilizou como instrumento de coleta de dados questionários direcionados a alunos/as, professores/as, gestores/as das escolas pesquisadas no estado do Ceará, enriquecida com as narrativas de alunas travestis. Os resultados mostram também as dificuldades da comunidade escolar em reconhecer as identidades travestis femininas como possibilidades de existências legítimas, sendo que muitas travestis se assujeitam às normas da heterossexualidade como forma de resistência e permanência nas escolas.

#### **4. Professores/as Transviados/as: colaboradores/as em teses e dissertações**

Após o panorama apresentado, a conclusão da última etapa deste balanço centrou-se na procura por pesquisas cujos descritores estivessem relacionados às identidades sexuais e de gênero de professores/as transviados/as no campo da Educação, mantendo-se o mesmo recorte temporal.

**Tabela 5:** Teses e Dissertações relacionados ao tema professores transviados

Descritores	Mestrado	Doutorado	Total
<i>Professores transviados; professoras transviadas</i>	Nenhum trabalho	Nenhum trabalho	0
<i>Professores LGBT; professoras LGBT; docentes LGBT</i>	Nenhum trabalho	Nenhum trabalho	0
<i>Professora lésbica; professoras lésbicas; professora homossexual; professora gay</i>	1	2	3
<i>Professores gays; professor gay; professor homossexual; professores homossexuais;</i>	3	2	5
<i>Professora trans; professora transexual; professoras transexuais; professora travesti; professoras travestis;</i>	4	2	6
<i>Professor trans; professor transexual; professores transexuais</i>	Nenhum trabalho	Nenhum trabalho	0
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>14</b>

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, 2020.

Ao desconsiderar as repetições apresentadas, o quantitativo reduziu-se para 11 trabalhos e a análise em seguida dessas pesquisas considerou as identidades dos/as professores/as referentes à sexualidade e ao gênero; o objetivo geral, a metodologia e as principais conclusões apontadas nesses estudos. A ideia foi inteirar-se das categorias estudadas e das contribuições reveladas pelos/as pesquisadores/as ao se debruçarem sobre essas temáticas, detendo-se nos atravessamentos, na readequação de comportamentos,

bem como em práticas docentes e em representações de gênero e sexualidade na docência, dialogando entre as novas contribuições a esses trabalhos e as possibilidades de pensar a partir das lacunas deixadas.

A dissertação *Professor gay e professora lésbica: um estudo sobre homofobia na docência*, de autoria de Jardinélio Reis da Silva (2019), pesquisou como professores/as publicamente assumidos/as experienciavam o cotidiano escolar e se eles estavam suscetíveis a práticas homofóbicas e, em caso positivo, como suas práticas eram ressignificadas a partir disso. Com abordagem qualitativa e embasada na Fenomenologia Social, utilizando a entrevista narrativa para produzir dados, concluiu que os/as professores/as sofreram homofobia ao longo de suas vivências escolares e profissionais, porém em algum momento adaptaram suas aulas para tratar questões de gênero, sexualidade e homofobia (SILVA, 2019)

A tese *Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades*, de Tatiana Carvalho de Freitas (2018), intentou “compreender os diferentes significados do que é ser uma professora lésbica no ambiente escolar”, seus medos e obstáculos criados por suas presenças nos espaços escolares. De natureza qualitativa e abordagem sociológica, utilizou a entrevista semiestruturada com seis professoras da rede pública em três cidades de São Paulo.

Ao contrário da invisibilidade supostamente esperada, os resultados mostraram a busca dessas professoras por uma “visibilidade pedagógica” e a tentativa de uma construção legítima dessas identidades nas instituições em que trabalham (Carvalho, 2018).

Na tese *Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência*, Patrícia Daniela Maciel (2014) discutiu a subjetivação das professoras lésbicas e como, por meio dos discursos de gênero e do dispositivo da sexualidade, produzem modos particulares na docência. O trabalho com professoras lésbicas assumidas que atuam no ensino básico foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas. As análises foram feitas na perspectiva dos estudos sobre a experiência de Larrosa, Benjamin e Agamben. Os resultados mostram que as professoras vivenciavam gênero na escola de formas diferentes, que nem todas problematizavam as suas aulas em função dessas temáticas, mas as experiências provocavam conhecimentos éticos de si (Maciel, 2014).

Em sua pesquisa de mestrado intitulada *Reconhecimento e reflexividade da alteridade gay na sala de aula*, Darkson Kleber Alves da Silva (2017) analisou o fenômeno do reconhecimento e da reflexividade ante a alteridade entre professores gays e alunos gays em sala de aula, por intermédio de contatos e interações entre ambos. “A base teórico-metodológica da pesquisa fundamenta-se na perspectiva construcionista de

análise social, com base nas abordagens autobiográficas e na etnografia interpretativa”, utilizando como instrumentos de investigação a entrevista semidirigida, além de relato oral de vida e diário de campo. Os resultados indicam o reconhecimento, a reflexividade e a alteridade, bem como a visibilidade em contextos pedagógicos ocorrida entre professores gays e alunos gays (Silva, 2017).

*O estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano* é a tese de autoria de Pedro Paulo Souza Rios (2019). Nela, o autor analisou o discurso “sobre a produção de si enquanto corpo estranho e as estratégias de desconstruir/fazer/negociar gênero e sexualidade ao longo de suas trajetórias escolar/acadêmica”. De natureza qualitativa, fundamentou-se na pesquisa (auto)biográfica e nas narrativas como instrumento de coleta de dados. Os resultados indicam os seis professores gays pesquisados evidenciando que a constituição de estranhamento ocorreu antes mesmo de descobrirem sobre gênero e sexualidade por meio da constatação do corpo, o qual destoa da norma e, ao longo de suas vidas, foi preciso criar estratégias de enfrentamento às normas heterossexistas (Rios, 2019).

A pesquisa de doutorado de Rodrigo Toledo, *Homofobia e heterossexismo na escola: um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica*, teve o intuito de “compreender as significações que professores gays



constroem sobre as múltiplas violências e sobre os preconceitos vividos em relação à própria orientação sexual e suas formas de expressão” e compreender também as “estratégias de enfrentamento à homofobia”. O autor trabalhou com núcleos de significação e utilizou a conversação para produzir os dados. Segundo os resultados obtidos, as escolas, juntamente com os movimentos sociais, devem desenvolver projetos no combate à homofobia e à evasão de alunos/as devido às diferentes formas de orientação sexual, bem como promover espaços profissionais para a permanência de professores gays, de forma a evitar que sofram violências (Toledo, 2018).

Em *Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans*, Rubens Gonzaga Modesto (2018) investigou a relação da história de vida da professora transexual, seu ingresso e permanência na docência. Com abordagem qualitativa e etnográfica, os dados foram coletados por meio de entrevistas preliminares com a colaboradora e com a diretora de uma das escolas em que Leona trabalhou, além de entrevista narrativa, memorial autobiográfico, levantamento bibliográfico e observação participante. Os dados mostram o distanciamento da colaboradora com a identidade travesti e seu processo de transição ocorreu somente após ter se efetivado em concurso como professora. No seio familiar, teve rejeição paterna, mas encontrou

apoio materno. Nos lugares em que trabalhou não teve seu nome social respeitado, passando também por outros processos discriminatórios com docentes e dirigentes, em contrapartida, teve/tem uma relação de reconhecimento e respeito com seus/suas alunos/as (Modesto, 2018).

Na dissertação *Quando o “estranho” resolve se aproximar: a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar*, de Tiago Zeferino dos Santos (2015), teve “como objetivo geral analisar as representações de gênero e sexualidade (re)produzidas no espaço escolar por estudantes e profissionais de educação a partir da inserção de uma professora autodefinida transexual”. Os/as sujeitos/as da pesquisa foram 21 alunos e cinco colegas de trabalho que tiveram contato com a professora durante o período letivo. Ademais, o autor utilizou memórias dessa professora, cuja entrevista havia sido realizada anos anteriores em outra pesquisa. Para a metodologia foi utilizada a entrevista semiestruturada e videogravação de dois grupos de discussão com os/as estudantes. Os resultados apontam para o desconhecimento das temáticas entre os/as profissionais da educação, sexismo, preconceito e discriminação contra a professora, ocorridos também como aluna. Além disso, utilizar pronomes masculinos para se referir à professora, desrespeito ao nome social e ironias ao jeito *masculinizado* dela (Santos, 2015).

Em *Docências trans*<sup>8</sup>: *entre a decência e a abjeção*, Dayana Brunetto Carlin dos Santos (2017) “investiga as condições de possibilidades para que a narrativa comum de que para ser professora da Educação Básica, a professora trans\* deve se assumir como transexual, pois à travesti tal espaço é interdito”. De natureza qualitativa, a autora classifica sua pesquisa como “cartografia das experiências de docência trans\*”, entrevistando seis professoras autodeclaradas trans, além de captar dados por meio de grupo de discussão. Os resultados tendenciam para a hierarquização dos corpos trans e travesti, bem como uma tendência higienista de assumir a identidade trans no meio escolar (Santos, 2017).

Na tese *Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar*, o autor Neil Franco Pereira de Almeida (2014) objetivou “identificar e problematizar indícios de desestabilização que a presença de professoras travestis, transexuais e transgêneros provocam na escola na qual atuam”, pensar em que medida esses corpos confrontam a *normalidade* culturalmente estabelecida e se suas práticas para o ensino de gênero e sexualidade desencadeariam novas formas de ensino. De abordagem qualitativa, utilizou como produção de dados a contextualização de fontes bibliográficas, entrevistas e

---

8 O asterisco colocado em trans\* surgiu como termo guarda-chuva que pudesse abarcar todas as identidades trans.

questionários. Conforme as reflexões finais, a presença de professoras transexuais na escola, em vários momentos, “desestabiliza os princípios hegemônicos da heteronormatividade”, bem como questionaram suas identidades femininas e/ou comportamentos culturalmente estabelecidos, mesmo sofrendo e presenciando nesses espaços violências diversas. Ainda que em cenário não animadores, as suas presenças provocaram novos padrões de aprendizagem, convivências, vínculos e debate atento ao respeito às diferenças (Franco, 2014).

Na dissertação *A pedagogia do salto alto: histórias de professoras travestis e transexuais brasileiras*, a autora Marina Reidel (2013) baseou-se no questionamento acerca da existência de professoras travestis e transexuais na escola. De abordagem qualitativa, produziu os dados por meio de entrevistas, baseadas na história oral das colaboradoras. Com a Pedagogia do Salto Alto percebeu que a presença dessas professoras provocava movimentos diferenciados nessas instituições, despertava a curiosidade dos alunos para tratar das questões de gênero e sexualidade, e promoveu a aproximação de alunos LGBT e heterossexuais, ao percebê-las como adultos de referência carregados de sensualidade (Reidel, 2013).

## 5. Considerações finais

A leitura desses onze trabalhos ressaltou que professores/as lésbicas, gays, transexuais e travestis constroem suas histórias nos espaços escolares sofrendo discriminações diversas, seja no período de escolarização, da formação e da docência, provocando em si, estranhamentos. Despontou uma tendência nos relatos dos/as colaboradores/as de que esses processos discriminatórios são mais acentuados com seus pares, ou seja, quando alunos/as sofrem o preconceito de outros/as colegas alunos/as e quando docentes por outros/as professores/as. Observou-se pelos relatos que a presença desses/as professores/as na escola provocam desestabilização da norma, desconfianças e vigilância dos seus trabalhos, tanto por colegas quanto por dirigentes, e as práticas desses/as profissionais são modificadas a partir dessa perspectiva, no tratamento das questões de gênero e sexualidade. Esse fato observado aproxima-se do objetivo geral desta pesquisa, no entanto, os dados evidenciados no inventário mostram que as mudanças referiam-se às modificações em suas práticas, visando esclarecer as próprias vivências LGBTQ+. Nesse sentido, a ampliação feita direcionou-se para além das temáticas do gênero e da sexualidade, buscando entender de que forma essa identidade *transviada* afeta as suas práticas, seus comportamentos e atitudes em sala de aula, e se enredam

à identidade profissional, apontando fragilidades e (re) existências, territorialidade e representatividades.

O trabalho Silva (2017) investigou os significados da representação pela alteridade e reflexividade entre professores gays e alunos gays e as relações estabelecidas entre eles de reconhecimento e visibilidades. Os acréscimos a esse trabalho buscaram ampliar e compreender essas identidades por meio do cruzamento de outras existências de gênero e sexualidade *dissidentes* na escola, das imagens e das narrativas dos corpos-territórios-LGBT+ na docência, e também os marcos territoriais, as (re)existências e as representatividades como forma de reconhecimento de si e das possibilidades de ocupação dos espaços como ato legítimo e político, observados nas narrativas dos/as professores/as desde que eram alunos/as e, ainda, em relação aos seus relatos docentes que (de)marcam possibilidades outras, vivências outras, reafirmações outras.

As pesquisas analisadas contribuíram pela importância dos resultados apresentados, mesmo na impossibilidade de generalizações. Mesmo que os/as colaboradores/as relatassem a homofobia, a lesbofobia, a transfobia sofrida durante suas histórias de vida, perseguições, vigilância, elas foram percebidas de maneiras diferentes e ressignificadas com bases em sua construção identitária e pelas suas redes de apoio. Desses trabalhos, ressalto que os relatos feitos

pelas professoras transexuais Marina Reidel (Reidel, 2013) e Leona (Modesto, 2018) mostram a receptividade dessas docentes na escola, recebendo apoio da direção e de alunos/as; já Maciel (2014) expôs que as professoras lésbicas pesquisadas vivenciam o gênero de forma diferenciada e nem todas problematizam essas experiências em sala de aula, emergindo daí que não assumir, não problematizar, não discutir essas temáticas e identidades em sala de aula seria também uma forma de resistir nesses espaços, de talvez conhecer previamente os terrenos em que pisam, em que corporalidades dissidentes são rotineiramente silenciadas.

Nesse sentido, a pesquisa buscou circunscrever-se nas imagens desses/as sujeitos/as, cujas narrativas trazem perspectivas particulares produzidas por meio do gênero e da sexualidade *dissidentes*, associando o processo teórico-metodológico com o sistema político heterossexual narrado pelas imagens narrativas do corpo LGBTQIA+, que provocam *rasuras* e *reboliços* na Educação Básica. Para tanto, as reflexões constituíram-se das representações cujos corpos são *destinados* à margem, ocupando outros espaços, porém abrindo possibilidades de criar novas visibilidades para essas identidades e (des)construir *verdades* atribuídas e não reivindicadas.

## Referências

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa**. Tese [Doutorado em Educação] – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em 7 jul. 2021

BENTO, Berenice. **Brasil, ano zero: estado, gênero, violência**. Salvador: EDUFBA, 2021.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017.

CARVALHO, Tatiana. **Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades**. 182f. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-06072018-093210/pt-br.php>. Acesso em: 8 fev. 2020.

FRANCO, Neil. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar**. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13671>. Acesso em: 12 fev. 2020.

GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Género”: Origem e Disseminação de um Discurso Antifeminista. **Mandrágora**, v.26, n. 1, 2020, p. 129-155. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/download/10283/7272>. Acesso em: 28 set. 2021

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACIEL, Patricia Daniela. **Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência**. 189f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3345>. Acesso em: 12 de fev. 2020.



MODESTO, Rubens Gonzaga. **Sobre coragem e resistência:** contando a história de Leona, professora e mulher trans. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, MG, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9702>. Acesso em: 9 fev. 2020.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. **Fundamentos teórico-metodológico da pesquisa em educação:** o ensino superior em música como objeto. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233, jul/dez. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/7452-19181-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/7452-19181-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto:** histórias de professoras travestis e transexuais brasileiras. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98604>. Acesso em: 6 jan. 2020.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **O estranho que habita em mim:** narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano. 186p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11842/2/PEDRO\\_PAULO\\_SOUZA\\_RIOS.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11842/2/PEDRO_PAULO_SOUZA_RIOS.pdf). Acesso em: 12 jan. 2020.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50 set/dez, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116275004.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. **Docências trans\*:** entre a decência e a abjeção. 447f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47741>. Acesso em: 8 fev. 2020.

SANTOS, Tiago Zeferino dos. **Quando o “estranho” resolve se aproximar:** a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/583>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SILVA, Darkson Kleber Alves da. **Reconhecimento e reflexividade da alteridade gay na sala de aula.** 68f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4764/1/DARKSON\\_KLEBER\\_ALVES\\_SILVA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4764/1/DARKSON_KLEBER_ALVES_SILVA.pdf). Acesso em: 14 fev. 2020.

SILVA, Jardínelio Reis da. **Professor gay e professora lésbica:** um estudo sobre homofobia na docência. Dissertação [Mestrado em Educação] – Universidade Federal do Pará, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7895938](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7895938) . Acesso em 8 de jul. 2021.

SOARES, Magda Batista; MACIEL, Francisca. **Alfabetização.** Brasília-DF: MEC/INEP/COMPED, 2000. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484330/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o/f9ddff4f-1708-41fa-82e5-4f2aa7c-6c581?version=1.3>. Acesso em: 5 maio 2020.

TOLEDO, Rodrigo. **Homofobia e Heterossexismo na Escola:** um estudo sobre significações de professores gays que atuam na educação básica. 2018. 189 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21060/2/Rodrigo%20Toledo.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.